

## UM RETRATO DA SEXUALIDADE DA MULHER IDOSA NO CONTO “MAS VAI CHOVER”, DE CLARICE LISPECTOR

Alice Alves M. Ponce de LEÃO (UFAM)<sup>1</sup>  
Yoshiko SASSAKI (UFAM)<sup>2</sup>

### RESUMO:

A sexualidade da mulher idosa é alvo de críticas tanto pelo corpo enrugado e flácido, que traz o estigma de “mulher velha” e “caída”, contrariando o ideal do corpo jovem e belo, quanto pelo fato de se esperar que na velhice, a mulher seja assexuada, limitando-se a ser uma boa avó e cuidar dos netos. Este artigo apresenta uma das possibilidades de vivência da sexualidade da mulher idosa explicitada no conto “Mas vai chover”, de Clarice Lispector, através da narrativa de um romance entre uma mulher mais velha com um homem mais jovem condicionada aos traços da submissão, humilhação e extorsão em troca da oportunidade de reviver o prazer sexual após a viuvez. A metodologia se pautou em um estudo bibliográfico a partir da obra em questão e de textos que dão subsídio analítico à questão central referendada no Conto. Conclui-se que, como condição humana, a sexualidade acompanha o indivíduo ao longo da vida e que não faz distinção de gênero, pois o desejo carnal, a sedução e o prazer continuam vivos no “ser mulher”, não sendo prerrogativas de sua juventude e nem tampouco cessando com o tempo.

**PALAVRAS-CHAVE:** Sexualidade; Corpo; Velhice; Mulher; "Mas vai chover".

### ABSTRACT:

The sexuality of the elderly woman is criticized, being attached to both by the wrinkled and flabby body that brings with it the stigma connected to “the old and fallen woman”, contradicting the ideal of the young and beautiful body. Besides this, it is expected that, in old age, women should be assexualized, being satisfied by the role of a good grandmother, caring for their grandchildren. This article presents a possibility of experiencing sexual activity found by an elderly woman, presented in the short story, “Mas vai chover”, by Clarice Lispector. The narrative presents a relationship between an old lady and a much younger man, marked by traces of submission, humiliation and extortion that she experiences in exchange for the opportunity to relieve the sexual pleasure after widowhood. The methodology was based on a bibliographic study from the short story in question and analytical texts that give support to the central issue referenced in the narrative. In our conclusions we point out that, as a human condition, sexuality marks individual experience throughout life and that does not make gender distinction, for the carnal desire, seduction and the seeking of pleasure are part of life as a woman, not being prerogative of youth.

**KEYWORDS:** Sexuality; Body; Old age; Woman; "Mas vai chover".

---

<sup>1</sup> Alice Alves M. Ponce de Leão, doutoranda em **Sociedade e Cultura** na UFAM.

Contato: [allicyponce@hotmail.com](mailto:allicyponce@hotmail.com)

<sup>2</sup> Profa. Dra. Yoshiko Sasaki/orientadora (supervisão) UFAM. Contato: [sasakiyo@uol.com.br](mailto:sasakiyo@uol.com.br)

## 1. Introdução

Na sociedade contemporânea, o corpo é revestido de representações simbólicas denotadas a partir da imagem que ele apresenta. Nele são impressos aspectos de ordem natural (biológicos), mas também significantes atribuídos culturalmente que modificam o modo de ser do indivíduo em relação consigo mesmo e com os outros.

O corpo na cultura ocidental tende a valorizar aspectos referentes à produtividade, força e vitalidade, atributos necessários à manutenção da ordem capitalista e que expressam a ideia de inclusão. Geralmente esses aspectos são pertencentes às camadas jovens da sociedade, onde beleza, juventude e saúde funcionam como imperativos que devem ser estendidos ao longo da vida.

Juventude e velhice parecem categorias situadas em dois polos opostos e desconexos. Isso porque a velhice denuncia que os atributos pertencentes à juventude declinam com o tempo, restando apenas a segregação social, as doenças e a espera pela morte. Com a chegada da velhice, espera-se que o idoso aposente-se do trabalho, da sexualidade e da vida.

Os sinais que o corpo emite, como o aparecimento de rugas, perda de elasticidade e viço da pele, diminuição da força muscular, da agilidade e da mobilidade das articulações, aparição de cabelos brancos e queda de cabelos, redução da capacidade auditiva e visual, distúrbios do sistema respiratório, circulatório, alteração da memória, dentre outros (NERI, 2001), acusam a chegada da velhice.

Nesse modelo narcisista de sociedade, o horror à velhice se configura como uma espécie de neurose, onde o indivíduo precisa ser admirado pela beleza, força e poder (ALMEIDA, 2005). Por isso, a temível condição de ser velho. Velho é sempre o outro, o outro indesejado.

Para Gusmão (2003), o corpo do idoso remete a um conjunto de representações através das quais sobressai a imagem da doença. A doença é um estado de impureza que representa um perigo porque é capaz de poluir e contagiar os outros. Daí evita-se a presença dos idosos, evita-se tocá-los e amá-los, porque eles representam a condição humana futura para os homens do presente.

Entretanto, os avanços no campo da biomedicina através da tecnociência vem imprimindo transformações culturais na imagem do idoso, através das cirurgias plásticas, dos cremes anti-idades, dos remédios para reposição hormonal e disfunção erétil, dentre outras intervenções que prometem fazer milagres para manter ou recuperar uma pele lisa e um corpo conservado (SIBILIA, 2011), fortalecendo o mito da eterna juventude. Ou seja, vivemos a era do autocuidado, que responsabiliza o próprio indivíduo pela boa manutenção de sua capacidade funcional e cognitiva.

Com isso, parece se tornar cada vez mais anacrônica a imagem do idoso como um aposentado que vive em casa desleixado assistindo televisão, esperando o tempo passar, ou da vovó com semblante tranquilo que fica em casa tricotando e cozinhando para os netos nos finais de semana. Hoje é comum a inserção de grande parte dos idosos em bailes da “terceira idade” e nos circuitos das práticas esportivas e de lazer.

Apesar desse mercado de consumo atingir homens e mulheres, as mulheres tem sido o principal alvo, já que a cobrança sobre a conservação do seu corpo atua no sentido de evitar o estigma da “velha feia” e “caída”, o que influi sobre sua sexualidade. Segundo Debert (2011) “os homens tendem a perceber as rugas em seus rostos e cabelos brancos como signos de um amadurecimento charmoso” (p. 70). Já as mulheres, o desequilíbrio hormonal e o fim do ciclo reprodutivo funcionam como fatores de retirada dos encantos de sua beleza corporal e o declínio de sua sexualidade, expressos em um corpo frágil, assexuado e feio (FERNANDES, 2009).

Este artigo problematiza um retrato da sexualidade da mulher idosa a partir do conto “Mas vai chover” de Clarice Lispector, contido no livro *A via crucis do corpo* (1998). Para isso, utilizou-se uma metodologia baseada na pesquisa bibliográfica para dar subsídio teórico à análise do conto. O objetivo deste artigo é situar o conto “Mas vai chover” como uma expressão da sexualidade na velhice em um universo de outras múltiplas possibilidades, vivenciada através de um caso amoroso de uma mulher idosa com um homem mais jovem, como necessidade de expressar sua sedução, desejo sexual e sentir-se amada pelo sexo oposto. Nesse conto, a mulher idosa disposta à satisfação de seus desejos, submete-se à solidão e ao abandono ao perceber que o ser amado está enamorado de uma mulher mais jovem.

## 2. O corpo feminino envelhecido e a sexualidade

A sexualidade na velhice é revestida de um campo amplo de significações depreciativas que consideram o sexo nessa fase da vida como algo sujo e pecaminoso. Essa questão é revestida de tabus, ancorados fortemente nas raízes da cultura judaico-cristã, vigilante quanto à ideia de “pecado” e de “lascívia”, sendo a sexualidade uma dimensão para a reprodução humana dentro dos cânones do casamento. Tem-se no imaginário social que o idoso é assexuado, onde dele se espera, no máximo, que seja um (a) bom (a) avô ou avó para cuidar dos netos, privando-o de um direito fundamental que faz parte da condição humana, a sexualidade.

Para Ribeiro (2005), a sexualidade é um dos temas mais abordados e que desperta maior interesse em grupos de idosos. Primeiro, porque a vida sexual deixou de ter apenas a função de procriação para se tornar uma fonte de satisfação e realização de pessoas de todas as idades; segundo, pelo notável aumento de pessoas que chegam a uma idade avançada em condições psicofísicas satisfatórias e que não estão dispostas a renunciar à vida sexual, e terceiro, pelo aumento de idosos infectados pela Síndrome da Imunodeficiência Adquirida (AIDS), o que reforça a necessidade de se falar mais abertamente sobre sexo.

Se falar sobre sexualidade ainda constitui um tabu, carregado, sobretudo de repressões ético-religiosas e culturais, relacioná-la ao universo da velhice chega a ser considerado, muitas vezes, como ofensivo e imoral. Isso porque o modelo de sexualidade considerado como “normal” é centrado no culto ao corpo, à juventude, à beleza, na fonte de prazer centrada no coito e para fins de procriação, sobretudo no que diz respeito às mulheres.

Segundo Roiz (2009), o corpo da mulher na Idade Média foi “diabolizado” enquanto o do homem era “endeusado”. A sexualidade da mulher era controlada pela Igreja, cujos padrões eram aceitos pela sociedade. A influência deturpada do cristianismo converteu o sentido do pecado original de Adão e Eva como pecado sexual e não um desvelamento da ignorância para obtenção do conhecimento. Ao mesmo tempo em que o corpo da mulher era visto como algo puro e imaculado, também era considerado sujo, pecaminoso e que deveria ser controlado para não cair em perdição.

Controlar a sexualidade feminina, seus gestos, suas práticas, sua conduta na sociedade passaria a ser uma questão mediada pela Igreja e aceita pela sociedade. Mesmo assim, o próprio corpo feminino não deixou de ter “tensões” entre o bem – procriação, virgindade de “Maria”, castidade e cuidado com a família – e o mal – sexualidade, prostituição, luxúria e perversão da alma [...] (p. 408).

A sexualidade da mulher na Idade Média era negligenciada no período da gestação e na velhice. Para o autor, “na velhice, a mulher também não será bem quista, em

muitas ocasiões, por ser vista como ‘bruxa’. De modo geral, a velhice feminina terá uma desatenção semelhante à da mulher grávida” (ROIZ, 2009, p. 411).

Para Costa (2008), a sexualidade da mulher está historicamente fincada nas raízes do patriarcado, onde negava-se à ela o conhecimento e o poder sobre o próprio corpo, esperando apenas que desempenhasse o papel de reprodutora. A legitimidade do patriarcado era garantida mediante o apoio de instituições, como as Igrejas. A sexualidade e o erotismo deveriam ter valor apenas para a procriação, o que extrapolasse essa finalidade era reprimido e articulado como sentimento de culpa.

Na sociedade capitalista ocidental, há uma demarcação das funções sociais para cada fase da vida. Assim, à criança é permitido brincar, ao adolescente experimentar, ao adulto, trabalhar e ao velho, aposentar-se (NERI, 2001). Essa aposentadoria não é somente relacionada à saída do mundo do trabalho, mas a um desprestígio social (desvalorização na sociedade), perda de autoridade no âmbito familiar e desvalorização sexual, em que é considerado um “desvio” o idoso que expressa a sua sexualidade, caindo no estigma do “velho tarado” e da “vovó assanhada”.

Privar o idoso do exercício de sua sexualidade é como negar o próprio sentido de existência, do direito de sentir-se vivo. “O seu impedimento é como se vivificassem a mortificação do desejo sexual, do embelezar-se para seduzir, do romantismo, do encantamento e da possibilidade de ser reconhecido pelo outro” (UBESSI *et al*, 2009, p. 275).

Para Ribeiro (2005, p. 124), sexualidade é:

A maneira como uma pessoa expressa seu sexo. É como uma mulher vivencia e expressa o *ser mulher* e o homem o *ser homem*. Expressa-se através dos gestos, da postura, da fala, do andar, da voz, das roupas, dos enfeites, do perfume, enfim, de cada detalhe do indivíduo. Confunde-se muito sexualidade com relação sexual. A relação sexual é um componente da sexualidade ao contrário do que muita gente pensa não é apenas a relação pênis-vagina, mas sim, a troca de sons, cheiros, olhares, toques, secreções e carícias.

Na velhice, a sexualidade não sofre degeneração, apenas muda qualitativa e quantitativamente suas formas de expressão, valorizando mais a afetividade, o companheirismo e o amor. Entretanto, o discurso midiático insiste em reduzir o seu sentido ao uso do corpo, especialmente valorizando corpos esculturais e jovens, o que atinge principalmente às mulheres idosas pela flacidez ocasionada pela gestação dos filhos e outras mudanças provocadas na aparência e no corpo por conta dos sintomas propiciados pelo desequilíbrio hormonal e a menopausa.

A imagem que se reflete do corpo da mulher idosa é percebida como feia e frágil. Assim, Fernandes (2009) assinala que:

O corpo parece a âncora da mulher no mundo, sua razão de ser para si mesma e para o outro. Nesse contexto, a ideia da passagem do tempo e seus rastros, os cabelos grisalhos e as rugas visíveis no seu rosto remetem à representação do ser velha e a temida condição de mulher velha, pelo significado estereotipado, histórico e contemporâneo que essa condição traduz (p. 420).

Os estudos de Goldenberg (2008), dentre outros, apontam que a sexualidade da mulher idosa heterossexual está ligada preponderantemente à conjugalidade. Após a viuvez ou o divórcio, muitas mulheres não conseguem manter um relacionamento duradouro com um novo parceiro; ora porque sentem que são “interesseiros”, ora porque carregam expectativas trazidas do relacionamento anterior para a nova relação e se frustram. Outras deslocam o prazer da sexualidade para a amizade, através do convívio social com novos amigos que partilhem das mesmas experiências de vida ou se relacionando com pessoas mais jovens que tragam outros olhares mais “leves” sobre a vida.

Vasconcelos (1994) pontua que traições, mágoas e ressentimentos dificultam o interesse de parte de mulheres idosas em continuarem mantendo sua vida sexual. Historicamente era permitido que os homens tivessem várias mulheres (desde que pudessem sustentá-las), o que não acontecia com elas, pois era considerado adultério, à medida que feria o direito de propriedade, uma vez que uma das justificativas do patriarcado era garantir, com o máximo de certeza possível, que os filhos de uma mulher fossem do seu marido.

Ainda assim, esse fator não suprime o desejo sexual das mulheres, o que se contrapõe ao mito da velhice assexuada. Em uma pesquisa realizada por Fernandes e Garcia (2010), o depoimento de uma idosa nomeada como “Sra. P.”, de 70 anos, diz que, para ela, seu corpo é jovem, desejoso e sexuado. “Pra mim, meu corpo não fica velho. Eu sinto até o amor [desejo sexual]. Eu sinto saudades. Tem gente que diz que não sente, mas é mentira. O amor é coisa muito boa. [...]” (p. 884). Concorda-se com a análise traçada pelas autoras de que essa repressão do desejo justifica-se em razão de muitas mulheres terem sido socializadas em uma época em que as regras morais e sexuais eram rígidas e controladas por instituições como a família e a igreja.

As desigualdades entre homens e mulheres no que diz respeito à escolha dos novos parceiros na velhice também desfavorece a sexualidade da mulher idosa. Enquanto alguns homens viúvos e divorciados optam por parceiras mais jovens para se relacionarem como forma de potencializar seu poder e virilidade, para as mulheres idosas a escolha de parceiros mais jovens é estigmatizada no âmbito social e familiar, como algo vergonhoso e desproporcional, cujo estereótipo qualifica o homem mais jovem como “gigolô”, pois o que parece é que se trata de uma troca de sexo por dinheiro, e a mulher, como velha safada.

É o caso ilustrado no conto “Mas vai chover”, de Clarice Lispector. A sexualidade da mulher idosa é retratada como uma “sem-vergonhice” e o corpo dela desperta asco por parte de seu parceiro mais jovem, que se “submete” à satisfação dos desejos dela em troca de bens para desfrutar com uma moça mais jovem. A necessidade de amar e desejar e de sentir-se amada e desejada desencadeia uma série de frustrações silenciadas, mas que despertam sofrimento na mulher idosa desse conto, como se ela ainda não tivesse despertado para a finitude do amor e do prazer sexual que chegaram juntamente com a velhice.

### **3. A sexualidade da mulher idosa no Conto “Mas vai chover” de Clarice Lispector**

O conto “Mas vai chover” (1998), de Clarice Lispector, narra o relacionamento de Maria Angélica, uma mulher de sessenta anos de idade e um rapaz de dezenove anos, Alexandre, entregador de produtos farmacêuticos.

A história conta que Maria Angélica era financeiramente independente (rica) e idosa. Contrariamente ao estereótipo da mulher idosa que não sentiria prazer e nem desejo por sexo, ela se apaixona por Alexandre em uma entrega de um remédio em seu

domicílio, aliás, se apaixona pelo corpo jovem, alto e forte que a faz lembrar do sexo há muito tempo abandonado.

Em tentativas de sedução, convida-o primeiro a entrar para comer uma grossa fatia de bolo e café com leite, oferecendo-lhe depois uma enorme gorjeta, desproporcional, que surpreendeu o rapaz, pedindo com uma vozinha romântica que voltasse, pois iria fazer um novo pedido à farmácia. Na segunda tentativa, ela o atende com um quimono de renda transparente, onde via-se as marcas de sua calcinha, convidando-o para entrar e conhecer seu apartamento, até que de repente, ela lhe tasca o beijo e o chama para a cama, enquanto tirava a coberta roxa da cama de casal.

Muito surpreso e assustado, o rapaz recusa, até que, desesperada, ela lhe oferece em troca do sexo um carro, fisingando-o, então, pela cobiça. A narrativa conta que Alexandre teve que suportar com nojo e revolta o sexo com Maria Angélica, enquanto ela “dava gritinhos na hora do amor”. Esse “esforço” dele o rebelava, fazendo com que ficasse impotente ao vinte e sete anos de idade. Enquanto ela adorava o corpo jovem, forte e belo dele, Alexandre tinha horror ao corpo envelhecido e repulsa aos desejos sexuais dela. Segundo a narrativa, o que estava estabelecido era a relação de troca do prazer sexual pelos bens materiais.

Maria Angélica, até então considerada mulher independente, se transformou em submissa em troca da ilusão do falso amor, sendo alertada por uma amiga: “Maria Angélica, você não vê que o rapaz é um pilantra? que está explorando você?”. Ela retrucava convicta: “Não chame Alex de pilantra! Ele me ama!”. Enquanto ela se julgava uma pessoa de sorte, o amante a extorquia, deixando de trabalhar, morando em um hotel de luxo, comprando camisas caríssimas e melhorando a aparência de seu rosto com um tratamento dermatológico, tudo custeado por ela.

Submetida aos caprichos de Alexandre, ela também passa a ser humilhada: “Vou passar uns dias fora do Rio com uma garota que conheci. Preciso de dinheiro”. Para não perdê-lo, ela quase definha, se submete à dor da ausência em ter que esperá-lo apegando-se a Deus como uma fonte de esperança e consolo, mesmo pensando que Ele tinha lhe abandonado nesse momento. “Foram dias horríveis para Maria Angélica. Não saiu de casa, não tomou banho, mal se alimentou. Era por teimosia que ainda acreditava em Deus. Porque Deus a abandonara. Ela era obrigada a ser penosamente ela mesma”.

Os dias se passam e mais uma vez Alexandre desaparece, dessa vez no dia que Maria Angélica completa sessenta e um anos de idade. O romance chega ao fim quando o rapaz extrapola a ousadia e lhe pede um milhão de cruzeiros, sendo negado por ela por não ter tanto dinheiro. Então, ele sugere que venda seu apartamento e o carro de luxo, dispensando também o chofer. Mesmo assim, ela diz que não daria e implora piedade. Irritado, ele a xinga: “Sua velha desgraçada! Sua porca, sua vagabunda! Sem um bilhão não me presto mais para as suas sem-vergonhices!”.

Assim, ele a abandona definitivamente, enquanto ela parece esmorecer com dores pelo seu corpo, como sintomas de quem levou uma grave queda brusca, ou melhor, “parecia uma ferida de guerra” que “doía-lhe o corpo todo”, “mas não havia uma Cruz Vermelha que a socorresse”, pois o remédio que Alexandre trazia consigo já não existia mais. No final, ela já sentada no sofá, sentindo dor no corpo, disse: “Parece que vai chover”, como se voltasse sua consciência do marasmo do tempo a que teria que se submeter como antes, vendo a vida passar e não vivê-la como queria.

O conto tem como centralidade a situação da mulher idosa sexuada. Passeri (2011) considera que espera-se que a mulher seja “feminina” no sentido de ser sorridente, simpática, submissa, discreta e apagada, cuja sexualidade deveria ser controlada para a decência e procriação, sob os ditames de instituições sociais. Sendo idosa, deveria resguardar sua viuvez, o luto, confortada pela fé em Deus. “[...] seu nome remete a coi-

sas boas: Maria lembra virgindade, santidade e Angélica está relacionado a anjos, pureza. Portanto, o corpo e o nome da personagem problematiza, coloca em xeque esse padrão de que toda mulher tem que ser pura” (p. 04)

Maria Angélica radicaliza esses estereótipos ao se mostrar como mulher “atirada” ou que expressa seus desejos sexuais por meio do jogo de sedução, disposta a qualquer coisa para viver o prazer sexual que ela tanto sentia falta. “Deixa eu lhe dar um beijinho! [...] Não posso me controlar! Eu te amo! Venha para cama comigo! [...] Estou doida por você! gritou-lhe enquanto tirava a coberta roxa da cama de casal”.

O machismo de Alexandre e o poder conferido a ele por Maria Angélica, que a submete aos seus caprichos, fazem com que ela seja humilhada e repugnada por ele, restando-lhe apenas o silêncio e o sofrimento. Apesar de rejeitada e desprezada, ela mantém acesa a pulsão sexual nessa fase da vida como todo ser humano que sente prazer e desejos carniais.

Mas, admitir que a mulher idosa é sexuada é difícil até mesmo em alguns momentos da narrativa, como se tivesse violando alguma moral: “O que se passou em seguida foi horrível. Não é necessário saber. Maria Angélica – oh, meu Deus, tenha piedade de mim, me perdoe por ter que escrever isto! – Maria Angélica dava gritinhos na hora do amor”. Esse estranhamento nos questiona por que isso é tão natural para uma jovem e tão absurdo para uma mulher idosa?

“Mas vai chover” traz, portanto, um retrato da sexualidade da mulher idosa dentro de um universo de múltiplas possibilidades de ser vivenciada. Foucault (2005) já retratava sobre a não preferência de um jovem em se envolver com uma mulher mais velha para que ela não sofra pressões sociais. O envolvimento de uma mulher idosa com um homem mais jovem perpassa diretamente a imagética do corpo enrugado e caído, como se nele não coubesse mais a sedução, o desejo e o prazer, propriedades exclusivas de um corpo jovem e pele lisa.

Dentre as múltiplas possibilidades de exercício da sexualidade da mulher idosa, existe a realidade do conto “Mas vai chover”, o envolvimento com novos parceiros também mais velhos, o exercício da sexualidade no âmbito da conjugalidade (casamento), o deslocamento do prazer para a amizade com outras pessoas e a renúncia do sexo por uma sexualidade ligada ao prazer de se vestir, de andar, de comportar-se, de sentir-se uma mulher desejada. Há também de se considerar que em muitos casos quando o homem é bem mais velho do que a mulher também ocorre (ou imagina-se que ocorra) uma troca de interesses, menos criticada socialmente, contudo. É quase naturalizada essa convivência.

Para além da dimensão corpórea, a sexualidade expressa o sentir-se vivo. O corpo é a manifestação das sensações que envolvem os prazeres sexuais estimulados pelo toque e as carícias. Como condição humana, a sexualidade não finda com o tempo e o avançar da idade. Ela apenas adquire novas significações que a redimensionam a partir da experiência adquirida na trajetória de vida e às mudanças ocorridas no corpo do idoso que, graças aos avanços da tecnociência, vem proporcionando ganhos significativos sobre o restabelecimento das funções que são atingidas pelas limitações biofisiológicas.

## Considerações Finais

A sexualidade da mulher idosa analisada a partir do conto “Mas vai chover”, de Clarice Lispector, traz a marginalização triplamente estigmatizada: o fato de ser mulher, de ser idosa e sexualmente ativa. Sendo um retrato, apenas, da manifestação da sexualidade feminina na velhice, expressa o desejo sexual que não cessa nessa fase da vida e nem tampouco para a mulher, que mesmo sendo viúva, tem o direito de continuar sentindo-se amada e desejada por um outro parceiro.

Entretanto, a valorização do corpo jovem e da pele lisa em contraponto à pele enrugada e envelhecida são aspectos que causam valorização e atração, bem como repulsa e preconceito, respectivamente. Tudo isso reforçado pelo ideal de beleza propagado pela mídia e fundamentado no mito da eterna juventude, responsabilizando o próprio indivíduo pelo autocuidado de seu corpo. Debert (2011) sugere que pensemos a construção de uma nova cultura que crie uma nova estética para a velhice a partir do que ela é e de suas possibilidades.

A humilhação e a submissão enfrentadas por Maria Angélica em troca da recuperação de poder viver novamente o prazer sexual, desta vez com um amante mais jovem, traz para a reflexão as raízes de dominação do patriarcado em que o homem goza dos direitos que à mulher são censurados, preconceito aprofundado pela condição de ser idosa, em que se espera que seja assexuada e recolhida na solidão.

## REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Vera Lúcia Valsecchi. Modernidade e Velhice. *In: Revista Serviço Social & Sociedade*. Ano XXIV, n° 75 – setembro 2003.

COSTA, Heloísa Lara Campos da. Gênero, Desenvolvimento e Universidade na Amazônia. *In: Ciência e Saberes na Amazônia*. Recife: Editora Universitária da UFPE, 2008.

DEBERT, Guita Grin. Velhice e tecnologias do rejuvenescimento. *In: Mirian Goldenberg (org.). Corpo, envelhecimento e felicidade*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2011.

FERNANDES, Maria das Graças Melo. **Problematizando o corpo e a sexualidade de mulheres idosas: o olhar de gênero e a geração**. *Revista enfermagem*. UERJ, Rio de Janeiro, 2009. Jul./Set.

FERNANDES, Maria das Graças Melo; GARCIA, Loreley Gomes. **O corpo envelhecido: percepção e vivência de mulheres idosas**. *Revista Interface: comunicação, saúde e educação*. Volume 14, n. 35, p. 879-890, out./dez. 2010.

GOLDENBERG, Mirian. **Coroas: corpo, envelhecimento, casamento e infidelidade**. Rio de Janeiro: Record, 2008.

GUSMÃO, Neusa Maria M. **Infância e velhice: pesquisa de ideias**. Campinas: Átomo & Alínea, 2003.

LISPECTOR, Clarice. Mas vai chover. *In: A via crucis do corpo (contos)*. Rio de Janeiro, Rocco, 1998.



NERI, Anita Liberalesso (org.). **Desenvolvimento e Envelhecimento – Perspectivas biológicas, psicológicas e sociológicas**. 2º ed. Campinas, SP: Papirus, 2001 (Coleção Vivacidade).

PASSERI, Karine. **Da liberdade para prisão: a mulher e a sexualidade no conto *Mas vai Chover de Clarice Lispector***. VII EPCC: Encontro Internacional de Produção Científica. 25 a 28 de outubro de 2011. ISBN: 978-85-8084-055-1.

RIBEIRO, Alda. Sexualidade na Terceira Idade. *In*: Matheus Papaléo Netto (org.). **Gerontologia: a velhice e o envelhecimento em visão globalizada**. São Paulo. Editora Atheneu, 2005.

ROIZ, Diogo da Silva. **A história do corpo feminino e masculino no ocidente medieval**. Cadernos Pagu, volume 33, julho a dezembro de 2009, p. 405-414.

SIBILIA, Paula. A moral da pele lisa e a censura midiática da velhice: o corpo velho como uma imagem com falhas. *In*: Mirian Goldenberg (org.). **Corpo, envelhecimento e felicidade**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2011.

UBESSI, Liamara Denise *et al.* A sexualidade vivenciada por idosos residentes em instituição de longa permanência sob a perspectiva da promoção da saúde. *In*: Loiva Beatriz Dallepiane (org.). **Envelhecimento humano: campo de saberes e práticas em saúde coletiva**. Ijuí, Editora Unijuí, 2009 (Coleção Saúde Coletiva).

VASCONCELOS, Maria de Fátima O. Sexualidade na terceira idade. *In*: **Caminhos do Envelhecer. Sociedade Brasileira de Geriatria e Gerontologia**. Editora Revinter. Rio de Janeiro, 2004.